

Gleiciane Pauluk Rosário

VIII ENCONTRO NACIONAL SOBRE O ENSINO DE SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO
BÁSICA

Gt 07: Práticas Pedagógicas: Experimentações, Teorias E Metodologias Para O
Ensino De Sociologia Na Educação Básica

**O Uso Da Revista *Mina De Hq* Como Recurso Pedagógico No Ensino De
Sociologia: Reflexões Sobre Gênero, Raça E Desigualdades Sociais Na
Educação Básica**

São Paulo, São Paulo

2025



O USO DA REVISTA *MINA DE HQ* COMO RECURSO PEDAGÓGICO NO ENSINO DE SOCIOLOGIA: REFLEXÕES SOBRE GÊNERO, RAÇA E DESIGUALDADES SOCIAIS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Gleiciane Pauluk Rosário ¹

INTRODUÇÃO

Em 2008, após décadas de disputas e o veto a um projeto de lei em 2001, a Sociologia foi finalmente reinserida como disciplina obrigatória no Ensino Médio brasileiro. Seu retorno, contudo, deu-se em um contexto marcado por políticas neoliberais promovidas por organismos internacionais como o Banco Mundial, que reconfiguraram as prioridades educacionais na América Latina. Essa trajetória revela que a presença da disciplina no currículo sempre foi mais influenciada por embates políticos e econômicos do que por seu potencial transformador ou pedagógico.

Desde então, a Sociologia enfrenta desafios para se consolidar no sistema educacional, situação que se agravou significativamente após 2016. A Reforma do Ensino Médio, implementada através da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) em 2018, representou um retrocesso ao propor a redução ou mesmo a exclusão da Sociologia e da Filosofia em favor de disciplinas técnicas. Como aponta Costa (2023), esse processo foi intensificado durante o governo de Jair Bolsonaro (2019-2022), que cortou verbas para as humanidades, priorizando áreas como medicina, engenharia e veterinária sob a alegação de oferecerem "retorno imediato ao contribuinte".²

A precariedade atual da Sociologia reflete conflitos ideológicos mais amplos, nos quais setores do poder público sistematicamente desvalorizam o pensamento crítico e a análise da realidade social. Essa desinstitucionalização é agravada pela

¹ Mestranda do ProfSocio pela Universidade Federal do Paraná - UFPR, gleiciane.pauluk@gmail.com; mulher cis branca. Piraquara -PR

² Em 2019, o presidente e o ministro da Educação, Abraham Weintraub, anunciaram a intenção de "descentralizar" investimentos em cursos de Filosofia e Sociologia, priorizando áreas como Medicina, Engenharia e Veterinária, sob a alegação de oferecerem "retorno imediato ao contribuinte". Essa postura gerou ampla reação da comunidade acadêmica, incluindo um manifesto assinado por mais de mil acadêmicos de instituições como Harvard, Princeton e Oxford, que condenaram a proposta e destacaram a importância das ciências humanas para a formação crítica e democrática.

fragilidade histórica da disciplina no currículo e pelas condições de trabalho degradantes impostas aos professores, fatores que, combinados, ameaçam sua sobrevivência como campo de conhecimento essencial na formação cidadã.

Em sua obra, Laval (2004) analisa como o neoliberalismo converte a educação em mercadoria, privilegiando competências alinhadas às demandas do mercado em detrimento de disciplinas que fomentam a reflexão crítica sobre as estruturas sociais³. Segundo o autor, essa racionalidade mercantil explica a desvalorização de áreas como a Sociologia, que problematiza desigualdades e relações de poder, em favor de campos supostamente mais "úteis", como engenharia e medicina, justificados por um discurso de "retorno imediato" ao investimento público.⁴

Diante desse cenário, a Sociologia emerge como campo de resistência: seu potencial de desnaturalizar hierarquias e questionar o status quo a torna alvo preferencial de governos conservadores e neoliberais. A marginalização da disciplina no currículo escolar não é, portanto, mera opção pedagógica, mas estratégia política para limitar a formação de sujeitos críticos e, consequentemente, preservar estruturas de dominação.

Portanto, a instabilidade da Sociologia no currículo escolar não se restringe a meras disputas ideológicas, mas constitui um fenômeno estrutural decorrente da penetração do neoliberalismo na educação. Esse processo sistemático desvaloriza o pensamento crítico em prol de uma formação instrumental, moldada pelas demandas do mercado. Nesse contexto desafiador, urge reinventar as práticas pedagógicas para transpor tanto as barreiras impostas pelas políticas educacionais quanto o aparente desinteresse discente.

Como demonstra Sá (2024), a chave para o engajamento está na conexão entre teoria e vivências. Em sua pesquisa, temas concretos como racismo, gênero e sexualidade mostraram-se mais mobilizadores do que abordagens abstratas das teorias clássicas - especialmente no caso de Karl Marx, cuja recepção é

³ Entende-se por disciplinas que fomentam a reflexão crítica sobre as estruturas sociais aquelas áreas do conhecimento, como a Sociologia, a Filosofia e outras ciências humanas, que têm como objetivo desenvolver nos estudantes a capacidade de analisar, questionar e compreender as desigualdades, os processos históricos e as relações de poder presentes na sociedade. Essas disciplinas promovem o pensamento crítico, essencial para a formação cidadã e a construção de uma democracia participativa (Freire, 1996; Carvalho, 2011).

⁴ Segundo o Censo da Educação Superior de 2018 do INEP, os cursos de Engenharia representavam aproximadamente 13,2% do total de matrículas, enquanto as ciências humanas correspondiam a cerca de 8%, evidenciando a tendência crescente da priorização de áreas consideradas tecnicamente "úteis".

frequentemente prejudicada por preconceitos disseminados através de discursos conservadores e redes sociais. Para superar essa resistência, a autora desenvolveu estratégias pedagógicas inovadoras, utilizando memes, músicas e filmes como pontes entre o arcabouço teórico e o universo cultural dos estudantes.

O relato de Sá (2024) sobre seu estágio docente em escola pública é revelador: ao ser questionada sobre a "utilidade prática" da Sociologia, deparou-se com o cerne do desafio educacional contemporâneo. Inspirada pelo conceito de imaginação sociológica de Mills, a pesquisadora demonstra como a disciplina ganha relevância quando articula as estruturas sociais com as biografias individuais. O espaço escolar, mais que um ambiente físico, revela-se um microcosmo onde se manifestam questões como racismo, gênero, sexualidade e desigualdade de classe. A abordagem desses temas, quando contextualizada na experiência concreta dos alunos, transforma a Sociologia de abstração acadêmica em ferramenta vital de compreensão e intervenção no mundo.

Analisar a escola como espaço sócio-cultural significa compreendê-la na ótica da cultura, sob um olhar mais denso, que leva em conta a dimensão do dinamismo, do fazer-se cotidiano, levado a efeito por homens e mulheres, trabalhadores e trabalhadoras, negros e brancos, adultos e adolescentes, enfim, alunos e professores, seres humanos concretos, sujeitos sociais e históricos, presentes na história, atores na história. Falar da escola como espaço sócio-cultural implica, assim, resgatar o papel dos sujeitos na trama social que a constitui, enquanto instituição. (Dayrell, 2007, p. 111)

Contudo, o potencial transformador da Sociologia na Educação Básica tem sido sistematicamente limitado por dois obstáculos estruturais: a carência de recursos didáticos específicos e a progressiva redução da carga horária. Esses fatores comprometem a capacidade da disciplina de fomentar uma análise crítica tanto da instituição escolar quanto das estruturas sociais mais amplas. Conforme aponta Oliveira (2008), tais limitações dificultam o desenvolvimento pleno do ensino sociológico, exigindo a adoção de metodologias pedagógicas inovadoras para superar esses entraves e fortalecer o ensino da Sociologia. Diante desse cenário, a adoção de metodologias inovadoras, particularmente o uso de histórias em quadrinhos (HQs), emerge como estratégia pedagógica promissora para transcender essas limitações e consolidar o ensino sociológico.

Esses recursos visuais não apenas medeiam a relação entre teoria sociológica e vivências estudantis, mas também potencializam o desenvolvimento do pensamento crítico e a participação qualificada em debates sobre questões sociais urgentes. Entretanto, uma revisão sistemática nos repositórios da *Capes* e *SciELO* revelou uma lacuna significativa: embora existam centenas de relatos sobre o uso bem-sucedido de HQs na educação, poucos deles se referem especificamente ao ensino de Sociologia. A literatura disponível concentra-se predominantemente nas áreas de História e Ciências da Natureza, onde as narrativas gráficas têm sido empregadas para reconstruir contextos históricos, elucidar conceitos científicos complexos e engajar estudantes através de linguagem visual acessível.

A lacuna identificada no uso de histórias em quadrinhos (HQs) no ensino de Sociologia representa uma oportunidade significativa para explorar o potencial pedagógico desse recurso na área das ciências sociais. Nesse contexto, publicações como a revista *Mina de HQ*⁵, que aborda criticamente questões de gênero, raça e desigualdades sociais, emergem como ferramentas promissoras para fomentar a práxis sociológica e articular os conteúdos curriculares com a realidade dos estudantes. Embora os estudos existentes concentrem-se predominantemente em outras disciplinas, os resultados positivos observados sugerem que as HQs constituem um recurso didático subutilizado no ensino das ciências sociais.

Essa carência de relatos específicos sobre Sociologia pode ser atribuída a dois fatores principais: a marginalização histórica da disciplina no currículo escolar, conforme discutido anteriormente e a possível resistência dos docentes em adotar recursos visuais e narrativos no ensino de humanidades. No entanto, o êxito das HQs em áreas como História e Ciências Naturais demonstra que, mediante adaptações metodológicas adequadas, esse recurso pode ser eficaz para abordar temas sociológicos complexos, incluindo estratificação social, relações de poder e construção de identidades.

⁵ A revista *Mina de HQ* foi idealizada em 2015 pela jornalista Gabriela Borges. É uma publicação independente brasileira que reúne quadrinistas, principalmente mulheres e pessoas de grupos marginalizados, para promover narrativas sobre gênero, raça, sexualidade e outras temáticas sociais. Sua primeira edição impressa foi lançada em 2019, e até o momento foram publicadas quatro edições financiadas coletivamente por meio de campanhas de crowdfunding. Além das versões físicas, a revista mantém um site e um perfil ativo no Instagram, que funcionam como espaços de divulgação e engajamento com leitores e artistas.

A incorporação das HQs ao ensino de Sociologia apresenta três vantagens principais: (1) supera a dicotomia teoria-prática ao contextualizar conceitos abstratos; (2) aumenta o engajamento discente por meio de linguagem acessível e visualmente atraente; e (3) estimula o pensamento crítico sobre questões sociais contemporâneas. Dessa forma, esse recurso didático pode se tornar uma estratégia eficaz para enfrentar desafios como o desinteresse dos alunos e a dificuldade de relacionar o conhecimento sociológico com suas experiências cotidianas, promovendo uma aprendizagem mais dinâmica e significativa.

Este artigo investiga como a revista *Mina de HQ* - em seus formatos impresso e digital - pode servir como recurso pedagógico inovador para o ensino de Sociologia na Educação Básica, particularmente na compreensão sobre a interseccionalidade. O estudo busca compreender: (1) como as narrativas gráficas da revista podem mediar a relação entre teoria sociológica e experiência discente; (2) que estratégias didáticas podem potencializar seu uso em sala de aula; e (3) de que modo esse recurso pode superar os desafios históricos do ensino da disciplina.

A revista *Mina de HQ* configura-se como material didático singular por três dimensões complementares: primeiro, pela adequação temática, ao abordar através de narrativas visuais críticas questões estruturantes do currículo de Sociologia como gênero, raça e desigualdade; segundo, pela inovação metodológica, suprimindo a carência histórica de recursos pedagógicos criativos para as humanidades, conforme evidenciado em revisão bibliográfica; e terceiro, pelo potencial transformador de sua linguagem híbrida (visual-textual), que simultaneamente (a) facilita a apreensão de conceitos abstratos, (b) estimula o engajamento discente e (c) articula estruturas sociais com experiências individuais. Esta investigação justifica-se pela tríplice urgência de: (1) superar a apatia discente mediante metodologias ativas, (2) contrapor a marginalização curricular da Sociologia e (3) fornecer alternativas concretas à escassez de materiais específicos, além de (4) fomentar práticas educacionais antirracistas e não-binárias através de linguagem acessível.

Nesse sentido, este artigo tem como objetivo geral investigar como a revista *Mina de HQ* pode ser utilizada como recurso pedagógico para o ensino de Sociologia, promovendo a compreensão sobre questões interseccionais, a partir da análise das edições publicadas em 2019, 2020 e 2021. Para isso, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: analisar as temáticas abordadas

na revista *Mina de HQ* e sua relação com os conteúdos curriculares de sociologia (1); Desenvolver uma proposta metodológica para o uso da revista *Mina de HQ* em sala de aula (2); Avaliar o impacto da utilização da revista *Mina de HQ* no engajamento e na aprendizagem dos estudantes (3); Discutir as potencialidades e os desafios do uso de HQs como recurso didático no ensino de sociologia (4).

Esta pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, estruturada em três etapas complementares: análise documental, desenvolvimento de proposta pedagógica e aplicação em sala de aula. O estudo buscou investigar as potencialidades da revista *Mina de HQ* como recurso didático para o ensino de Sociologia, com foco nos temas de gênero, raça e desigualdades sociais.

Na primeira fase, realizou-se um exame detalhado das edições impressas e digitais da revista *Mina de HQ*, utilizando a análise de conteúdo como método principal. O processo envolveu a categorização sistemática das narrativas e elementos visuais, com especial atenção às representações de questões sociológicas relevantes. Essa análise permitiu identificar os principais temas abordados pela publicação e sua relação com os eixos curriculares da Sociologia no Ensino Médio, conforme estabelecido pela Base Nacional Comum Curricular.

Com base nos resultados da análise documental, elaborou-se uma sequência didática completa. Esta etapa incluiu a seleção cuidadosa das histórias em quadrinhos mais adequadas para discussão em sala de aula, a criação de planos de aula detalhados e o planejamento de atividades diversificadas. Inspirada na abordagem dialógica de Freire, a proposta pedagógica foi desenhada para promover a conexão entre os conceitos sociológicos e a realidade dos estudantes, através de debates críticos, análises textuais e visuais, e atividades práticas de produção de quadrinhos.

A intervenção pedagógica foi implementada em turmas do segundo ano do Ensino Médio de uma escola pública do Paraná. O processo envolveu atividades de leitura coletiva, discussões mediadas e oficinas criativas, nas quais os alunos produziram suas próprias histórias em quadrinhos. Para avaliar os resultados, utilizou-se uma combinação de métodos, incluindo questionários aplicados antes e após a intervenção, observação participante registrada em diário de campo e análise das produções dos estudantes. Essa abordagem multidimensional permitiu uma avaliação abrangente do engajamento dos alunos, da compreensão dos conceitos trabalhados e da eficácia das histórias em quadrinhos como ferramenta pedagógica.

O estudo seguiu todos os princípios éticos em pesquisa com seres humanos, obtendo consentimento informado dos participantes e garantindo o anonimato dos dados coletados. As identidades dos alunos e da instituição foram preservadas em todos os registros e publicações decorrentes da pesquisa.

De forma ampla, esta pesquisa visa fortalecer o ensino de Sociologia na Educação Básica ao introduzir a revista *Mina de HQ* como recurso pedagógico inovador, na linha do que defendem Ramos (2017) e Vergueiro (2010) sobre o potencial educativo dos quadrinhos. Por meio de suas narrativas visuais engajadoras, o estudo investiga como temas estruturantes - como gênero, raça e desigualdades sociais (hooks, 2013) - podem ser articulados com a realidade vivida pelos estudantes.

A abordagem dialógica freireana (Freire, 1996), aliada às atividades práticas, tem como objetivo duplo: superar a apatia discente frente aos conteúdos sociológicos e desenvolver uma consciência crítica sobre as estruturas de poder (Giroux, 2011). Como perspectiva final, seguindo Tomazi (2010), espera-se que a experiência com a revista *Mina de HQ* inspire práticas docentes mais reflexivas, contribuindo para a formação cidadã proposta pela BNCC.

METODOLOGIA

Para analisar a revista *Mina de HQ* e aplicá-la em sala de aula como recurso pedagógico no ensino de sociologia, foi adotada uma abordagem metodológica dividida em três etapas principais: análise documental, elaboração de uma proposta pedagógica e aplicação em sala de aula. Cada etapa foi planejada para garantir uma investigação sistemática e uma prática educativa alinhada aos objetivos da pesquisa.

Ao tentar colocar no mesmo plano, com igual legitimidade, o saber pessoal e o saber acadêmico, as pedagogias feministas pretendem estimular a fala daquelas que tradicionalmente se vêem condenadas ao silêncio, por não acreditarem que seus saberes possam ter alguma importância ou sentido. Abala-se o status dos experts, pois agora todas as pessoas têm, ao menos potencialmente, uma experiência ou uma sabedoria que merece ser compartilhada, que pode ser comunicada e tornada visível. As hierarquias e as classificações são deixadas de lado. Pode-se dizer que ocorre uma rejeição explícita da autoridade. (Louro, 1997, p. 114)

A primeira etapa consistiu assim em uma análise documental qualitativa das edições impressas 1, 2 e 3 da revista *Mina de HQ*, além da análise de algumas publicações realizadas no site *Mina de HQ*. A intenção foi identificar as temáticas interseccionais abordadas, e sua relação com os conteúdos curriculares de Sociologia. Para isso, utilizou-se a análise de conteúdo, conforme proposta por Bardin (2011), que consiste em um conjunto de técnicas de análise das comunicações com o objetivo de obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e recepção dessas mensagens. Nesse caso, as narrativas e imagens presentes nas HQs foram categorizadas, identificando-se padrões e conexões com conceitos sociológicos.

As temáticas identificadas foram então relacionadas aos eixos temáticos da Sociologia no Ensino Médio, como indivíduo e sociedade, cultura e sociedade, trabalho e sociedade e política e sociedade. A escolha por materiais como a revista *Mina de HQ* se justifica pela sua natureza crítica e educativa. As HQs produzidas por mulheres, nesse cenário, funcionam como ferramentas pedagógicas que articulam linguagem visual, experiência vivida e crítica social, dialogando diretamente com os conteúdos propostos na disciplina de Sociologia.

A decisão de tabelar as temáticas por autoria, em vez de página da revista, deve-se ao fato de que muitas dessas narrativas também estão disponíveis na versão online da revista, que é classificada por autoria e não por título. Além disso, as temáticas abordadas estão intimamente ligadas às autoras, o que permite que, ao buscar por suas obras em outras revistas ou publicações, seja possível encontrar histórias com abordagens semelhantes. Dessa forma, a organização por autoria facilita não apenas a localização das histórias, mas também a identificação de padrões temáticos e estilísticos que são característicos de cada autora, ampliando as possibilidades de pesquisa e análise.⁶

Outro aspecto relevante foi a decisão de classificar as histórias a partir de temáticas mais amplas, como gênero, raça e sexualidade, por compreender que esses temas são transversais. Isso significa que eles não apenas perpassam diversos contextos sociais, mas também são influenciados por questões mais amplas, como desigualdades estruturais, relações de poder e identidades culturais.

⁶ As tabelas completas com a categorização das temáticas por edição da revista encontram-se no Anexo I.

Ao mesmo tempo, essas temáticas podem ser discutidas a partir de situações cotidianas, o que permite uma abordagem mais próxima da realidade dos estudantes. Essa escolha metodológica facilita a conexão entre os conceitos sociológicos e as experiências vividas pelos alunos, tornando o ensino mais significativo e engajador.

Pensar gênero a partir de uma perspectiva de identificação e lugar comum é fundamental, especialmente diante do avanço de políticas conservadoras observado nos últimos anos. Segundo Brito e Araújo (2022), a integração de discussões sobre gênero e sexualidade nas escolas contribui significativamente para a formação de uma consciência crítica entre os estudantes, preparando-os para reconhecer e combater desigualdades sociais. No entanto, Sousa e Mendes (2023) destacam que pressões de grupos conservadores têm resultado em políticas públicas que censuram materiais educativos e impedem a implementação de programas de educação sobre gênero, perpetuando a desigualdade e a discriminação. As autoras destacam que o conservadorismo atual é entendido como uma rearticulação de elementos históricos, como racismo, patriarcalismo e militarismo, que se adaptam às novas condições sociais e políticas. Essa rearticulação é influenciada por avanços recentes em direitos sociais, como as políticas de cotas e o reconhecimento de direitos LGBTQIA+, que despertam reações contundentes de grupos conservadores preocupados em manter o status quo.

Essa escola conservadora é também criticada por Bourdieu (2003), que argumenta que a escola, em vez de atuar como um espaço de transformação e promoção da igualdade, muitas vezes funciona como uma instituição conservadora, reproduzindo as desigualdades sociais. Ele aponta que as reformas educacionais frequentemente falham em abordar as causas estruturais da desigualdade, limitando-se a medidas superficiais que não transformam significativamente as oportunidades de vida dos estudantes marginalizados. Dessa forma, a exclusão da temática de gênero do currículo escolar, impulsionada por pressões conservadoras, não apenas reforça estereótipos e discriminações, mas também impede a formação de uma educação verdadeiramente inclusiva e crítica.

Com base nessa análise documental, foi desenvolvida uma proposta metodológica para utilizar a revista *Mina de HQ* em sala de aula, que incluiu a seleção de HQs específicas que abordam temas transversais como feminismo, racismo e desigualdades, alinhadas aos objetivos de aprendizagem da sociologia.

Como destaca hooks (2013), a educação deve ser um ato de libertação, capaz de conectar os saberes acadêmicos às experiências vividas pelos estudantes. Assim, foram elaborados planos de aula que integram as HQs às discussões sociológicas, com atividades como debates, análises de texto e produção de narrativas visuais pelos alunos. Essa abordagem dialógica, inspirada em Freire (1996), permite que os estudantes se reconheçam como sujeitos ativos no processo de aprendizagem, transformando a sala de aula em um espaço de diálogo e construção coletiva de conhecimento.

A proposta pedagógica foi aplicada em turmas de segunda série do Ensino Médio de uma escola pública do estado do Paraná.⁷ O objetivo foi avaliar os desdobramentos da utilização da revista *Mina de HQ* no engajamento e na aprendizagem dos estudantes. Em linhas gerais, a aplicação seguiu uma sequência de passos que incluíram a contextualização da revista e dos temas a serem discutidos, relacionando-os à realidade dos estudantes. Em seguida, foi realizada a leitura coletiva das HQs selecionadas, seguida de debates guiados por perguntas que estimulam a crítica. Segundo Louro (2018), a discussão de temas como gênero, raça e sexualidade em sala de aula é essencial para desconstruir estereótipos e promover uma educação inclusiva e antirracista.⁸

Para Moran (2018), ao oferecer diferentes formas de interação com o conteúdo (visual, oral, escrita, prática etc.), os professores podem atingir os diversos estilos de aprendizagem dos estudantes e isso é essencial para manter o interesse e o engajamento dos estudantes em um mundo onde a informação é cada vez mais dinâmica e fragmentada.

Os bons materiais (interessantes e estimulantes, impressos e digitais) são fundamentais para o sucesso da aprendizagem.

⁷ Optou-se por não identificar a escola onde a pesquisa foi realizada para:

a) Preservar o anonimato dos participantes, conforme exigido pelos princípios éticos em pesquisa com seres humanos (Resolução CNS 510/2016);
b) Evitar possíveis vieses de interpretação que pudessem associar os resultados a características específicas da instituição (como localização ou perfil socioeconômico), garantindo o foco na análise metodológica do recurso didático;
c) Respeitar acordos de confidencialidade estabelecidos com a gestão escolar durante a fase de negociação de acesso ao campo. A decisão alinha-se a estudos qualitativos em educação que priorizam o sigilo institucional para proteger a comunidade escolar (Lüdke & André, 2018, p. 47).

⁸ Para ilustrar a aplicação prática da proposta metodológica desenvolvida, este trabalho apresenta no Anexo II o quadrinho da artista Helô Rodrigues, utilizado como disparador de debate em sala de aula, e no Anexo III o plano de aula correspondente, estruturado com base nos princípios da pedagogia crítica e na articulação entre conteúdo curricular e vivências estudantis.

Precisam ser acompanhados de desafios, atividades, histórias, jogos que realmente mobilizem os alunos, em cada etapa, que lhes permitam caminhar em grupo (colaborativamente) e sozinhos (aprendizagem personalizada) utilizando as tecnologias mais adequadas (e possíveis) em cada momento. (Moran, 2018, p. 24)

A avaliação do processo foi feita por meio da coleta de feedback dos estudantes, utilizando questionários aplicados antes e após as atividades, observação participante para registrar as interações e o envolvimento dos alunos, e análise das produções dos estudantes, como as HQs e textos criados por eles. Como propõe Candau (2008), a avaliação deve ser um instrumento de reflexão sobre a práxis pedagógica, permitindo ajustes que garantam uma educação mais equitativa. Dessa forma, a aplicação da proposta não apenas promoveu o engajamento dos estudantes, mas também reforçou a importância de uma educação crítica e transformadora, alinhada aos desafios contemporâneos.

Os dados coletados foram analisados de forma qualitativa e quantitativa, com o objetivo de identificar a contribuição da utilização das HQs no engajamento dos estudantes, avaliar a compreensão dos conceitos sociológicos abordados e discutir as potencialidades e os desafios do uso de HQs como recurso didático no ensino de sociologia. A análise qualitativa permitiu compreender como os estudantes se relacionaram com as temáticas abordadas, enquanto a análise quantitativa forneceu indicadores sobre o nível de interesse e a assimilação dos conceitos.

DESENVOLVIMENTO/REFERENCIAL TEÓRICO

A utilização de histórias em quadrinhos (HQs) como recurso pedagógico no ensino de Sociologia encontra respaldo em autores que defendem uma educação crítica, dialógica e transformadora. Nesse sentido, Louro (1997) destaca a importância de desconstruir estereótipos e questionar as normas de gênero e sexualidade presentes na escola, promovendo a conscientização sobre as desigualdades e formas de discriminação que atravessam o cotidiano dos estudantes. Para a autora, a escola deve se constituir como espaço de

problematização das estruturas de poder, onde os sujeitos possam reconhecer as opressões que os afetam e atuar coletivamente em sua superação.

Durante as observações em sala de aula, percebeu-se que os debates suscitados pelas HQs provocaram diálogos ricos e participativos. Um estudante, por exemplo, comentou: “Nunca tinha pensado que quadrinhos poderiam falar sobre coisas tão importantes. Agora consigo ver essas coisas no meu dia a dia.” Essa percepção reforça as ideias de Louro (1997), ao evidenciar como práticas pedagógicas que valorizam linguagens alternativas contribuem para o reconhecimento das desigualdades sociais e a formação de uma consciência crítica.

Além disso, as produções realizadas pelos próprios alunos demonstraram a apropriação criativa de conceitos sociológicos. Em uma das HQs elaboradas, um grupo retratou uma cena de transfobia ocorrida na porta do banheiro da escola, articulando falas que refletiam a teoria da interseccionalidade debatida em sala.⁹ Esse tipo de elaboração evidencia como os recursos visuais podem favorecer a compreensão de temas complexos e estimular aprendizagens significativas. Como aponta Louro (1997), a educação deve ultrapassar a mera transmissão de conteúdos, contribuindo para transformar as percepções e atitudes dos estudantes frente às diferenças. A habilidade dos alunos em representar situações de opressão e discutir conceitos como interseccionalidade a partir de suas próprias experiências visuais revela o potencial emancipador dessa proposta pedagógica.

Isso demonstra, a utilização da revista *Mina de HQ* como recurso pedagógico contribuiu significativamente para o engajamento e a aprendizagem dos estudantes, pois a abordagem multimodal, que combinou leitura, debates e produção de quadrinhos, permitiu que os alunos se conectassem aos temas de gênero, raça e desigualdade de forma crítica e reflexiva. Para Moran (2018) essas metodologias ativas e diversificadas são importantes pois permitem diferentes formas de aprender. O autor afirma ainda que em um mundo cada vez mais complexo e multimodal, a educação deve incorporar recursos variados para engajar os estudantes e promover uma aprendizagem mais profunda. A combinação de atividades visuais, orais e práticas, como a produção de quadrinhos e os debates, demonstrou ser eficaz para alcançar esse objetivo, especialmente em um contexto onde os jovens estão imersos em uma cultura visual e digital.

⁹ A situação retratada na HQ foi inspirada em um episódio real vivenciado por um colega de outra turma, conforme relatado durante as discussões em sala de aula.

A aprendizagem é mais significativa quando motivamos os alunos intimamente, quando eles acham sentido nas atividades que propomos, quando consultamos suas motivações profundas, quando se engajam em projetos em que trazem contribuições, quando há diálogo sobre as atividades e a forma de realizá-las. (Moran, 2018 p. 23)

Nessa lógica, a participação ativa dos estudantes nas atividades práticas reforça a perspectiva de Freire (1996) de que a educação deve ser um processo dialógico e transformador. O autor defende que a aprendizagem ocorre quando os estudantes assumem o papel de sujeitos ativos, capazes de refletir sobre sua realidade e transformá-la. Nesse sentido, a produção de quadrinhos pelos alunos, abordando temas como transfobia e interseccionalidade, não apenas consolidou a compreensão dos conceitos sociológicos, mas também permitiu que eles expressassem suas próprias vivências e questionamentos. Essa prática dialógica, aliada à mediação do professor, criou um espaço de construção coletiva de conhecimento, onde os estudantes puderam reconhecer-se como agentes de transformação social.

Não posso ser professor se não percebo cada vez melhor que, por não poder ser neutra, minha prática exige de mim uma definição. Uma tomada de posição. Decisão. Ruptura. Exige de mim que escolha entre isto e aquilo. Não posso ser professor a favor de quem quer que seja e a favor de não importa o quê. Não posso ser professor a favor simplesmente do Homem ou da Humanidade, frase de uma vaguidade demasiado contrastante com a concretude da prática educativa. Sou professor a favor da decência contra o despudor, a favor da liberdade contra o autoritarismo, da autoridade contra a licenciosidade, da democracia contra a ditadura de direita ou de esquerda. Sou professor a favor da luta constante contra qualquer forma de discriminação, contra a dominação econômica dos indivíduos ou das classes sociais. (Freire, p. 53, 1996)

Nesse sentido, hooks (2013) defende uma educação que seja capaz de questionar as estruturas de poder e promover a justiça social e a análise crítica dos estudantes sobre temas como racismo, machismo e transfobia evidencia o potencial das HQs para desnaturalizar desigualdades e estimular a empatia. Como destaca hooks, a educação deve ser um espaço onde os estudantes possam reconhecer e

combater as opressões que permeiam sua realidade, e a utilização da revista *Mina de HQ* mostrou-se uma ferramenta eficaz para alcançar esse objetivo.

Todavia, algumas dificuldades foram observadas durante a aplicação da proposta, visto que a revista *Mina de HQ* aborda, em algumas histórias, temáticas de gênero e sexualidade de maneira explícita, gerou resistência inicial por parte de alguns estudantes em analisar as narrativas, mesmo naquelas em que a temática não estava tão evidente. Essa resistência é um reflexo das influências conservadoras presentes no contexto social dos alunos, que muitas vezes dificultam a discussão aberta sobre esses temas. Para Butler (2022), a dificuldade que temos em lidar com questões de gênero, que frequentemente são mal interpretadas e transformadas em um “fantasma” que assombra espaços de discussão, como as escolas está enraizada em medos e preconceitos que impedem o diálogo aberto e a compreensão das complexidades relacionadas ao gênero e à sexualidade.

O fantasma do gênero como uma força destrutiva torna-se o álibi quase moral para desencadear a destruição de todas as pessoas que buscam viver e respirar em liberdade. Assumir uma posição em prol de respirar e viver livres do medo da violência é o princípio da visão ética de que precisamos agora. (Butler, 2022, p.32)

Outro aspecto importante a ser considerado é a falta de familiaridade dos estudantes com a linguagem das HQs¹⁰, o que demanda um esforço maior de mediação por parte do professor para assegurar a compreensão e o engajamento de todos com o material. Como aponta Cohn (2013), a linguagem visual dos quadrinhos possui uma gramática própria, muitas vezes inacessível para leitores sem experiência prévia com esse formato narrativo. Assim, o papel do docente torna-se essencial para facilitar a decodificação desses elementos visuais, permitindo que os estudantes usufruam integralmente do potencial pedagógico das HQs.

Além disso, a resistência inicial de alguns estudantes em abordar temas como gênero e sexualidade, apesar de desafiadora, evidencia a importância de uma abordagem pedagógica crítica que questione normas e estereótipos sociais, conforme defendido por Louro (1997). A superação dessa resistência, por meio da mediação do professor e do uso de recursos visuais acessíveis, demonstra que a

¹⁰ Muitos estudantes demonstraram dificuldades iniciais em compreender e utilizar elementos próprios das histórias em quadrinhos, como a organização dos quadros, os balões de fala e pensamento, e a relação entre texto e imagem, o que exigiu mediações específicas durante o processo de produção.

escola pode ser um espaço potente para a desconstrução de preconceitos e a promoção da diversidade. Dessa forma, a pesquisa não apenas confirma o valor das HQs como ferramenta pedagógica, mas também reforça a necessidade de uma educação crítica e transformadora, capaz de enfrentar os desafios contemporâneos e fomentar a equidade social.

Em síntese, os resultados indicam que a utilização da revista *Mina de HQ* como recurso pedagógico foi eficaz para promover o engajamento dos estudantes. Contudo, os desafios identificados apontam para a necessidade de adaptações e mediações contínuas, garantindo que todos os alunos possam se beneficiar plenamente da proposta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada evidenciou que o uso da revista *Mina de HQ* como recurso pedagógico no ensino de sociologia na educação básica possui um potencial significativo para estimular a reflexão sobre temas centrais do currículo sociológico. A abordagem multimodal adotada, que integrou leitura, debates e produção de quadrinhos, mostrou-se eficaz para engajar os estudantes e facilitar a compreensão de conceitos sociológicos complexos, aproximando-os da realidade cotidiana dos alunos.

A proposta pedagógica desenvolvida não apenas incentivou a participação ativa dos estudantes, mas também lhes proporcionou um espaço para expressar suas vivências e questionamentos, transformando a sala de aula em um ambiente de diálogo e construção coletiva do conhecimento.

Todavia, a implementação da proposta também revelou desafios, como a resistência inicial de alguns alunos em abordar temas sensíveis, influenciada por contextos sociais conservadores, além da necessidade de mediação para a compreensão da linguagem visual das HQs. De modo geral, esses obstáculos evidenciam a importância de uma abordagem pedagógica que reconheça as diversidades e barreiras existentes, promovendo, assim, uma educação crítica e libertadora.

Nessa perspectiva, Freire (1996) enfatiza que a educação deve partir da realidade dos educandos, valorizando suas experiências e saberes como ponto de partida para a construção do conhecimento. A superação dessas dificuldades, por meio da mediação docente e da adaptação das estratégias de ensino, demonstra que a escola pode se constituir como um espaço de desconstrução de preconceitos e promoção da diversidade, reafirmando seu papel como ambiente de diálogo, escuta e transformação social.

Na mesma medida, os resultados da pesquisa destacam a relevância de metodologias inovadoras, como o uso de histórias em quadrinhos, para o ensino de Sociologia, especialmente em um contexto de desvalorização da disciplina e de políticas educacionais que priorizam uma formação alinhada aos interesses do mercado. Nesse cenário, como aponta Apple (2003), o currículo deixa de ser neutro e passa a expressar disputas ideológicas, sendo moldado por forças econômicas e políticas que visam à padronização e à tecnificação do ensino, em detrimento de uma formação crítica. Assim, a revista *Mina de HQ*, com sua abordagem crítica e engajadora, mostrou-se uma ferramenta importante para conectar os conteúdos sociológicos à realidade dos estudantes, promovendo a consciência crítica e a empatia, em oposição às tendências de empobrecimento curricular.

Por fim, este trabalho reforça a importância de uma educação que ultrapasse a mera transmissão de conteúdos, promovendo a transformação das percepções e atitudes dos estudantes diante das desigualdades e das estruturas de poder. A utilização de recursos visuais e narrativos, como as HQs, mostrou-se eficaz na formação de sujeitos críticos e conscientes, capazes de identificar e enfrentar as opressões presentes em seu cotidiano. Nesse sentido, a pesquisa não apenas evidencia o potencial pedagógico da revista analisada, mas também sugere possibilidades concretas para uma prática educativa mais engajada e transformadora, sintonizada com os desafios contemporâneos. Ressalta-se, ainda, a necessidade de que este estudo seja replicado em outros contextos escolares, a fim de aprofundar sua análise, validar seus resultados e ampliar a compreensão sobre o uso das HQs como ferramenta de reflexão crítica no ensino.

ANEXO I - TABELAS TEMÁTICAS REVISTA *MINA DE HQ*

TABELA 1 - Temáticas Revista *Mina de HQ* 1ª Edição/2020

Categoria	Temas Principais
Indivíduo e Sociedade	• Conflitos emocionais e solidão durante a pandemia (Carol Ito, Cecília Marins, Gabriela Gullich, Manzanna) • Impacto do isolamento social nas amizades e relações pessoais (Cecília Marins); • Envio de nudes como forma de lidar com o isolamento (Carol Ito); • Descobertas pessoais e mudanças de comportamento durante a pandemia (Bene Oliveira, Carol Borges);
Cultura e sociedade	• Entrevista ilustrada sobre o processo criativo de uma artista (Power Paola); • Representatividade LGBTQ+ nos quadrinhos (Ellie Irineu); • Cultura Negra e oriental no bairro da Liberdade, São Paulo (Marília Marz);
Trabalho e sociedade	• Trabalhadores que não puderam se isolar (Aline Lemos) • Impacto do isolamento na vida profissional e na organização doméstica das mulheres (Gabriela Gullich) • Adaptação ao uso de tecnologia para comunicação e trabalho (Aline Zouvi)
Política e sociedade	• Crítica política ao contexto da pandemia, incluindo negacionismo e falta de vacinas (Verônica Berta, Ana Paloma Silva) • Desigualdade social e os impactos da pandemia em populações vulneráveis (Didi Mamushka) • Questões de liberdade e restrições durante o isolamento (Sirlanney Nogueira) • Reflexões sobre otimismo e pessimismo no isolamento social (Dilemas de Ivania)

Fonte: elaborada pela autora. 2025

TABELA 2 - Temáticas Revista *Mina de HQ* 2ª Edição/2021

Categoria	Temas Principais
-----------	------------------

Indivíduo e Sociedade	• Cuidado e autocuidado (Rebeca Moraes) • Questões de identidade e diversidade – mulheres trans (Luiza Lemos/Denise) • Ansiedade no pós-pandemia (Cecília Ramos) • Amizade entre mulheres (Sol Dias) • Sentimentos de sufocamento e autoconhecimento na sociedade capitalista (Marina Souza) • Responsabilidade no cuidado e uso de máscara (Manu Cunhas) • Libertação sexual feminina (Rebeca Prado) • Relação intergeracional: neta e avó (Helô Rodrigues) • Autocuidado e autoconhecimento (Maria Clara Villas) • Relações amorosas intensas e experiências afetivas Bruna Maia) • Relação mãe e filho no cotidiano (Manzana)
Cultura e sociedade	• Entrevista ilustrada sobre trajetória artística e desafios no campo gráfico (Gabriela Gullich) • Discussão sobre plágio e as redes sociais na produção artística (Laura Ataíde) • Entrevista sobre produção artística e trajetória (Gabriele Gullich com a artista Luiza) • Sátira mitológica e crítica à sexualidade feminina e ao amor.(Carol Ito)
Trabalho e sociedade	• Discussão sobre autonomia feminina, empreendedorismo e capitalismo (Alejandra Lunik)
Política e sociedade	• Análise do negacionismo no período pós-pandemia (Maíra Colares)

Fonte: elaborada pela autora. 2025

TABELA 3 - Temáticas Revista *Mina de HQ* 3ª Edição/2022

Categoria	Temas Principais
Indivíduo e Sociedade	• Saúde mental e barreiras para mulheres (Diana Salu); • Maternidade e desafios: ser mãe e honrar legados (Cátia Ana, Taís Kisuki); • Reflexões sobre resoluções de ano novo e conceitos de sucesso; • Experiências de infância, cicatrizes e

	identidade (Laura Ataíde); • Relação de cuidado: comparações entre mulheres e homens (Lino Arruda); • Terapia e organização da vida (Manzana);
Cultura e sociedade	• Memórias afetivas e tradições: preparo de comida e ensino de mães para filhas (Jéssica Groke);
Trabalho e sociedade	• Desafios e trajetória profissional na indústria gráfica na Índia (Gabriela Gullich/Amaruta Patil); • Desejos de liberdade, mudança de carreira e desafios no sistema capitalista (Lila Cruz); • Dificuldades no trabalho e relação com a imagem própria (Ana Oly - "fracasitos");
Política e sociedade	• Discussões sobre futuro: política, meio ambiente, racismo, questão indígena, representação parlamentar e direitos trabalhistas (Karipola); • Debate sobre racismo na sociedade (Rayssa Molinari); • Reportagem em quadrinhos sobre retorno à educação e inclusão (Cecília Marins); • Ancestralidade indígena e luta dos povos indígenas e mulheres (Tai Silva);

Fonte: elaborada pela autora. 2025

ANEXO 2 - QUADRINHO UTILIZADO NA AULA



Imagem de Helô Rodrigues. Revista *Mina de HQ*, 2ª Edição, 2021, p. 48. Fonte: *Mina de HQ*.

ANEXO III - PLANO DE AULA

Plano de Aula – Ensino de Sociologia por meio da HQ de Helô Rodrigues (Mina de HQ)

Série: 2ª série do Ensino Médio

Duração: 2 aulas de 50 minutos (ou uma aula dupla de 100 min)

Tema central: Família, cuidado, gênero e afetos

Quadrinho analisado: HQ de Helô Rodrigues – Revista Mina de HQ, 2ª edição, p. 48

Eixo da BNCC: Cultura e Sociedade; Indivíduo e Sociedade

Habilidades da BNCC:

- (EM13CHS102) Analisar as relações sociais de produção e reprodução da vida e suas transformações.
- (EM13CHS104) Identificar e discutir os papéis sociais atribuídos a indivíduos e grupos com base em marcadores sociais (gênero, raça, classe, geração).

Objetivos da Aula:

- Analisar a representação das relações familiares e do cuidado a partir de uma perspectiva crítica.
- Refletir sobre os papéis de gênero atribuídos às mulheres nas esferas doméstica e afetiva.
- Desenvolver sensibilidade para a linguagem visual e sua potência na expressão de experiências sociais.
- Estimular a empatia, o diálogo e a valorização da diversidade de experiências.

Recursos Didáticos:

- Cópia impressa ou projetada do quadrinho de Helô Rodrigues
- Trecho do livro de bell hooks – O feminismo é para todo mundo
- Lousa digital ou cartolina

Desenvolvimento da Aula:**1. Início (15 min) – Sensibilização e escuta**

- Atividade disparadora: Pergunta no quadro ou em roda:
“Quem cuida de você?” “Como o cuidado aparece na sua vida cotidiana?”
- Registrar no quadro as palavras que surgirem.
- Apresentar brevemente quem é Helô Rodrigues e o contexto da revista Mina de HQ.

Leitura e análise do quadrinho (30 min)

- Distribuir ou projetar o quadrinho.
- Leitura silenciosa seguida de leitura coletiva (com pausas para observações).
- Perguntas para discussão:
 - O que está sendo representado?
 - Que elementos visuais transmitem cuidado e afeto?
 - Que papéis familiares aparecem? Quem é sujeito do cuidado?
 - A HQ te lembra alguma vivência pessoal ou de alguém próximo?

Dica de mediação: usar o conceito de “trabalho reprodutivo” (ou invisível), discutido por autoras feministas, para refletir sobre o cuidado como trabalho historicamente atribuído às mulheres.

Atividade em grupo (30 min) – Sociologia em diálogo com a HQ

Dividir a turma em grupos com as seguintes tarefas:

- Relacionar o quadrinho com conceitos sociológicos, como:
 - Gênero e divisão sexual do trabalho
 - Família e afetividade
 - Socialização primária e secundária

Pedir que cada grupo elabore uma interpretação sociológica em até 5 frases, para apresentar aos colegas.

Fechamento – Atividade criativa (15 min)

- Propor que cada estudante desenhe ou escreva uma lembrança afetiva que envolva cuidado, podendo ser com base em experiências reais ou inventadas.
- Quem quiser pode compartilhar com a turma.
- Refletir coletivamente:
“Quem costuma cuidar e quem é cuidado?”
“Cuidar é um dever ou um afeto?”

Avaliação:

- Participação nas discussões e escuta ativa
- Capacidade de interpretação crítica da HQ

- Capacidade de relacionar conceitos sociológicos com vivências
- Produção reflexiva e criativa na atividade final.

REFERÊNCIAS

APPLE, Michael W. A política do conhecimento oficial: fazer e desfazer o currículo. In: MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). Currículo, cultura e sociedade. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2003. p. 79-103.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. São Paulo: Cortez, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 09 maio 2025.

BRITTO, Patrícia; REIS, Lucas. Planos de educação de 8 estados excluem 'ideologia de gênero'. Folha de S. Paulo, São Paulo, p. B-9, 25 jun. 2015.

BUTLER, Judith. Quem tem medo de gênero? Tradução de Fernanda Siqueira Ferreira. São Paulo: Boitempo, 2022.

CANDAU, Vera. Educação intercultural e cotidiano escolar. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

CARVALHO, Geraldo Any. Educação e luta de classes no Brasil. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

COHN, Neil. The visual language of comics: introduction to the structure and cognition of sequential images. Londres: Bloomsbury, 2013.

COSTA, Alan William Ribeiro da. Ensino de sociologia na educação básica brasileira: um debate pertinente na contemporaneidade. [S.l.], 2023. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/planiciecientifica/article/view/29587/pdf>. Acesso em: 10 jan. 2025.

DAYRELL, Juarez Tarcísio. A escola como espaço sócio-cultural. In: ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia (org.). Cultura juvenil e escola. Brasília: UNESCO, 2007. p. 111-134.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIROUX, Henry A. On critical pedagogy. New York: Continuum, 2011.

HOOKS, bell. Ensinando a transgredir: educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira). Censo da Educação Superior 2018: dados completos sobre matrículas e cursos superiores no Brasil. Brasília: INEP, 2019. Disponível em: <http://inep.gov.br/web/guest/censo-da-educacao-superior>. Acesso em: 09 jun. 2025.

IZUMI, M. S. F. Dificuldades e desafios da sociologia na educação básica. Ciências Sociais. DSA. Faculdade de Filosofia e Ciências - Campus de Marília. Residência Pedagógica, 2023. Disponível em: <https://www.inscricoes.fmb.unesp.br/upload/trabalhos/2018815165639.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2025.

LAVAL, Christian. A escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público. Tradução de Mariana Echalar. Londrina: Editora Planta, 2004.

LIMA, Maria José de Oliveira; SILVA, Maria do Socorro Sousa da. A exclusão da sociologia do currículo escolar: um retrocesso para a educação brasileira. Revista Brasileira de Educação, v. 26, n. 77, p. 449-468, 2021.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. 2. ed. São Paulo: EPU, 2018.

MCCLOUD, Scott. Desvendando os quadrinhos. Tradução de Hécio de Carvalho e Marisa do Nascimento Paro. São Paulo: M. Books, 2005.

MINA DE HQ. Mina de HQ: edição 1. Florianópolis: Editora Independente, 2020.

MINA DE HQ. Mina de HQ: edição 2. Florianópolis: Editora Independente, 2021.

MINA DE HQ. Mina de HQ: edição 3. Florianópolis: Editora Independente, 2022.

MORAN, José. Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda. In: BACICH, Lilian; MORAN, José (orgs.). Metodologias ativas para uma educação inovadora. Porto Alegre: Penso, 2018. p. 23-44.

OLIVEIRA, A. M. Ensino de sociologia: metodologias e práticas. Curitiba: CRV, 2015.

RAMOS, Paulo. Quadrinhos na educação: da rejeição à prática. São Paulo: Contexto, 2017.

SÁ, Beatriz Yolanda Pontes de Gusmão. Os desafios atuais no ensino da Sociologia na Educação Básica. Revista MONXORÓ, [S.l.], v. 1, n. 1, 2024. Disponível em: <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/rmx/article/view/5664/4214>. Acesso em: 10 jan. 2025.

SOUSA, F.; MENDES, G. Pressões de grupos conservadores em políticas públicas. Revista Brasileira de Política Educacional, v. 29, n. 1, p. 110-125, 2023.

TOMÁZI, Nílson Dias (coord.). Sociologia para o ensino médio. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2010.

VERGUEIRO, Waldomiro. Uso das HQs no ensino. In: RAMA, Alberto; VERGUEIRO, Waldomiro (org.). Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2010. p. 7-29.